



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS**

**NATANAELE NOGUEIRA GOMES**

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE: A PROTAGONISTA  
*EM A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA***

**GUARABIRA-PB  
2017**

NATANAELE NOGUEIRA GOMES

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE: A PROTAGONISTA EM *A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA***

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, do Departamento de Letras, Centro de Humanidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à conclusão ao grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aldinida Medeiros.

GUARABIRA-PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633r Gomes, Natanaele Nogueira.  
Representação feminina no romance [manuscrito] : a protagonista em a mulher que escreveu a bíblia / Natanaele Nogueira Gomes. - 2017.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Aldinida Medeiros, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Romance. 2. Representação Feminina. 3. Protagonista.  
4. Condição Social da Mulher.

21. ed. CDD B869.3

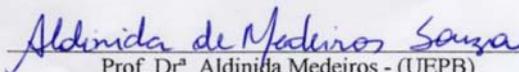
NATANAEL Nogueira Gomes

**REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ROMANCE: A PROTAGONISTA EM A  
MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA**

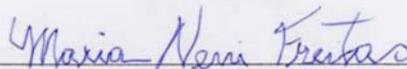
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
a obtenção do Grau Licenciado em Letras.

Monografia aprovada em 07 de dezembro de 2017

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
Prof. Dr<sup>a</sup> Aldinida Medeiros - (UEPB)  
Orientadora

  
Prof. Me. Rafael Francisco Braz - (UEPB)  
Examinador

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Neni de Freitas - (UEPB)  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, sabedoria e equilíbrio para concluir esse curso.

Aos meus pais Paulo e Rosilda, a quem devo tudo que sou, pela educação, o amor, as orações e a criação exemplar.

Aos meus irmãos Paulo e Nemuel pelo amor e consideração. Ao meu esposo, Everton, pelo incentivo, carinho e compreensão.

Aos meus familiares, em geral, que de uma forma direta ou indireta contribuíram para essa conquista.

A todos os professores do curso, em especial minha orientadora Aldinida Medeiros, pela paciência, incentivo, dedicação, responsabilidade e comprometimento durante as orientações.

A todos os meus amigos e amigas pela preocupação e incentivo nas horas difíceis, pois cada um acrescentou, ao seu modo, algo importante para minha vida.

## RESUMO

A pesquisa que ora apresentamos é um estudo no qual analisamos o romance *A mulher que escreveu a bíblia*, de Moacyr Scliar, publicado em 1999. O objetivo desse trabalho é analisar a representação feminina na protagonista, denominada a feia. A partir do contexto histórico em que esta se encontra, observar que o romancista faz, nesta obra, uma paródia como releitura do período do patriarcado bíblico, especificamente o período do rei Salomão. Justificamos esta pesquisa bibliográfica por compreendermos a necessidade de observar nas representações literárias, em específico a romanesca, o que se pode questionar sobre o lugar da mulher na sociedade e na cultura. Utilizamos para este fim leituras teórico-críticas que se subscrevem nos Estudos de Gênero, principalmente o ensaio de Simone de Beauvoir (1970), *O segundo Sexo* e as contribuições de Michel Foucault (1995), sobre o sujeito e o poder. Outros aportes teóricos ligados à narratologia e, também, contendo aspectos críticos e teóricos sobre a construção da personagem, como Antonio Candido (1995), Cristina da Costa Vieira (2008) e Lucia Ozana Zolin (2009) também foram importantes para encaminhar nossa análise. Considerando os avanços dos estudos de gênero desde o século XX até então, que, por sua vez, ocasionaram em uma demanda considerável da representatividade feminina em obras literárias e principalmente no romance, procuramos discutir e interpretar este tema revendo qual a contribuição do contexto histórico social com essas representações e ainda repensando o papel da mulher na sociedade e na literatura.

**Palavras-chaves:** romance; representação feminina; protagonista; condição social da mulher.

## ABSTRACT

The research that now we are presenting is a study in which we analyze the novel *A mulher que escreveu a bíblia*, by Moacyr Scliar, published in 1999. This work's aim is to analyze the female role in the protagonist, called the ugly. From the historical context where it is found, to observe what the novelist does in this work, a parody as a rereading of the biblical patriarchy, specifically during Salomon King epoch. We justify this bibliographical research by understanding the need of observing in the literary representations, specifically the Romanesque, what may be questioned about the role of women into society and culture. For this end we used theoretical-critical readings that subscribes gender studies, mainly the essay by Simone de Beauvoir (1970), *O Segundo Sexo* and the contributions from Michel Foucault (1995), about the subject and the power. Another theoretical contributions linked to narratology or containing critical and theoretical aspects about the character building, such as Antonio Candido(1995), Cristina da Costa Vieira (2008) and Lucia Ozana Zolin(2009) likewise they were important to conduct our analysis considering the breakthroughs of the gender studies from the XX century since then, and that in turn, they caused to be into a considerable demand by a female representativeness in literary works and mainly in the novel, we aim to discuss and interpret this theme reviewing what contribution in the social and historical context with these representations and yet rethinking the women's role in the society and in the literature.

**Key-words :** novel; feminine representation; protagonist; women's social condition.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>CAPÍTULO I – PESPECTIVAS SOBRE O ESTUDO DA MULHER ENQUANTO SUJEITO: OS OLHARES DE SIMONE DE BEAUVOIR E MICHEL FOUCAULT</b> .....	08
1.1 Observações obre a condição sócio-histórica da mulher segundo Simone de Beauvoir.....	09
1.2 A importância dos estudos feministas para a investigação da representação feminina nas obras literárias.....	14
1.3 A construção do sujeito, segundo Michel Foucault.....	15
1.4 A construção do sujeito e questões de gênero: algumas considerações.....	17
<b>CAPÍTULO II - ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE PERSONAGEM: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM <i>A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA</i></b> .....	19
2.1 A personagem do romance segundo Antonio Candido.....	20
2.2 Aspectos analíticos da representação feminina em <i>A mulher que escreveu a Bíblia</i> .....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise da personagem protagonista do romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar, publicado em 1999. Através desta figura feminina nortearmos nossa pesquisa a investigar a representação literária das condições sociais da mulher no período retratado pelo romance, observando no enredo o contexto sócio-histórico em que a referida personagem está situada.

A personagem elaborada por Scliar recria uma figura feminina do século X a.C, dessa forma, apontaremos como era a situação das mulheres daquela época visando entender o lugar social que ocupavam em meio a uma sociedade patriarcal. A partir dessas informações, serão pontuadas quais as características que a diferenciava das outras personagens femininas do enredo. Por meio desta pesquisa, será possível evidenciar os preconceitos por ela enfrentados, também veremos suas atitudes tomadas para burlar as leis condicionadas.

Antes de trazermos um pequeno resumo sobre a obra, pensamos ser necessário falar um pouco sobre seu autor. Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, no ano de 1937. Filho de imigrantes da Rússia que trazia a tradição judaica como cultura, isso explica a temática de algumas de suas obras, que no conjunto são mais de 80 livros publicados. Desde sua infância, adquiriu o gosto pela literatura e a escrita, herdou essa aptidão da sua mãe que era professora. Segundo ele, quando já estava alfabetizado passou a escrever sobre suas próprias aventuras de infância. Trouxe como temática em suas obras a medicina, o socialismo, a imigração judaica, a condição da humanidade, dentre outras também importantes. Sempre falava sobre esses temas através de um tom crítico e irônico.

No romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, nas páginas iniciais, encontra-se um resumo da vida de um terapeuta. Este narra como conheceu uma de suas pacientes, que nas sessões de terapias descobriu ter sido uma das setecentas esposas do rei Salomão. Ao término do tratamento a moça deixou por escrito a história completa de uma de suas vidas passadas, em que viveu naquele famoso harém, mas esta esposa tinha algo que a diferenciava das outras, sabia ler e escrever, uma habilidade que no decorrer da trama lhe traria alguns prestígios e também dissabores.

A trama é desenvolvida entre a paixão da personagem pelo soberano, a missão importante a qual foi designada, o preconceito que sofria por ser feia e mulher e, por fim, a descoberta de que o seu sentimento pelo rei era só uma paixão passageira, como um deslumbramento, um encantamento por sua beleza. O que mais surpreende nesse enredo é o

fato da personagem ter uma personalidade diferenciada para sua época, pois era questionadora, não queria aceitar a submissão e tinha pensamentos que ultrapassavam a realidade a ela exposta. No entanto, apesar desta problematização nítida da figura feminina na história, a narrativa, ao modo particular de Scliar, se mostra cômica e, por muitas vezes irônica.

Diante desta história instigante, nortearmos nossa pesquisa da seguinte forma: no primeiro capítulo, partimos para o embasamento teórico que abrange a teoria feminista de Beauvoir (1970), o pensamento filosófico de Foucault (1995) e sua relação com os estudos de gênero. Já no segundo capítulo à luz de Candido (1995) veremos como esta personagem feminina, elaborada por Moacyr Scliar, foi representada na esfera romanesca.

**CAPÍTULO I – PERSPECTIVAS SOBRE O ESTUDO DA MULHER  
ENQUANTO SUJEITO: OS OLHARES DE SIMONE DE BEAUVOIR E  
MICHEL FOUCAULT**

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.

Simone de Beauvoir

## 1.1 Observações sobre a condição sócio-histórica da mulher segundo Simone de Beauvoir

Durante muito tempo a mulher teve sua voz silenciada na sociedade, os preceitos morais de uma época patriarcal sustentavam a ideia de que a classe feminina, só deveria desempenhar o papel de mãe, esposa e dona de casa, a liberdade lhes era suprimida, igualdade de direitos não existia, eram submissas e dominadas pelo sexo masculino. Para entender um pouco sobre a condição histórica<sup>1</sup> do sexo feminino recorreremos às pesquisas da teórica Simone de Beauvoir e junto as suas referências dialogaremos sobre esse tema.

A situação atual da mulher, na sociedade em que vivemos, não foi um processo imediato, foi um caminho de lutas em busca de independência e igualdade. Simone de Beauvoir, considerada uma das intelectuais de grande importância no feminismo, fala sobre “o segundo sexo” ou “o outro”, explicando que a mulher ocupa esse lugar de inferioridade na sociedade por ter passado por um processo histórico em que a imagem do homem sempre foi de líder supremo, enquanto para figura feminina ficou a imagem de um ser sempre subordinado:

Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele que encontra na biologia uma justificação desse sentimento. (BEAUVOIR, 1970, p. 25)

Segundo nos infere esta explicação, o sexo masculino quer demonstrar superioridade em relação ao sexo oposto e, para isso, procuram justificativas em dados biológicos. Tais dados tentam banalizar de uma forma geral, com a tentativa de explicar que as fases biológicas natural do corpo feminino trazem como consequência uma perda de estabilidade no seu corpo enquanto ser humano. Beauvoir exemplifica essa suposta situação de dependência, dizendo que o corpo feminino é um dos elementos para que possamos entender seu lugar

---

<sup>1</sup> A mulher em diferentes países teve uma opressão bastante relevante. Na Babilônia o homem recebia um dote do pai da moça que tomasse como esposa, o casamento era uma espécie de troca ou venda de produtos. Na Pérsia o patriarca da família já escolhia um marido para filha assim que esta chegasse à fase de adolescência, sendo esposa devia uma obediência absoluta ao esposo. Em Antenas os homens trancavam suas mulheres em aposentos, essas ficavam submissas a varias leis e regras e ainda sobre fiscalização de vigias. Na África e na Índia as crenças eram severamente seguidas, uma mulher estéril, por exemplo, não poderia trabalhar na agricultura, pois, a terra não seria fértil. (BEAUVOIR, 1970).

ocupado socialmente, sobretudo, não é o que a define, ou seja, há qualidades inerentes que vão muito além de aspectos físicos. Para esta teórica, o sexo feminino rompe e supera os dados biológicos.

Outra parte apontada pela teoria beauvoiriana, que teve uma relevante contribuição para desmistificar a formação do pensamento do sexo feminino como fragilizado, foi mostrar que psicanálise sistematizada por Sigmund Freud corroborou com o que já estava incrustado no pensamento social e na maioria das culturas, visto que quase todas, sejam no Ocidente ou no Oriente têm raízes patriarcalistas, costumes e valores machistas. Freud, no entender de Beauvoir, restringiu-se em dizer que a sexualidade da mulher não era tão evoluída quanto a do homem. Podemos ver isso nas discussões freudianas dos complexos de *Édipo* e de *Eletra*. Vejamos essa alusão para tal problemática:

As duas críticas essenciais que podem ser feitas a essa descrição provém do fato de Freud tê-la calcado sobre um modelo masculino. Ele supõe que a mulher se sente um homem mutilado. Porém a ideia de mutilação implica uma comparação e uma valorização; muitos psicanalistas admitem hoje que a menina lamenta não ter pênis, mas sem supor, entretanto, que lho tiraram; e nem isso é tão generalizado; não poderia tal sentimento nascer de simples confrontação anatômica; muitas meninas só tardiamente descobrem, e apenas pela vista. Já o menino tem de seu pênis uma experiência viva que lhe permite orgulhar-se dele, mas esse orgulho não tem um correlativo imediato na humilhação de suas irmãs, porque estas só conhecem o órgão masculino na sua exterioridade. Essa excrecência, esse frágil caule só lhe pode inspirar indiferença e até repugnância; a inveja da menina resulta de uma valorização prévia da virilidade. Freud a encara como existente quando seria preciso explicá-la. (BEAUVOIR, 1970, p. 62).

Na história da humanidade a situação de inferioridade feminina vai muito além do ponto de vista biológico ou psicanalítico, essa situação na sociedade veio de uma trajetória bastante intensa, mulheres não tinham direitos, apenas deveres. Em muitas sociedades foram consideradas o “sexo frágil”, oposto ao homem que é caracterizado por ser viril e forte aquele que possui conhecimento e que por isso, tinha o direito de ordenar:

No tempo em que se tratava de brandir pesadas maças, de enfrentar animais selvagens, a fraqueza física da mulher constituía uma inferioridade flagrante; basta que o instrumento exija uma força ligeiramente superior à que dispõe a mulher para que ela se apresente como radicalmente impotente. (BEAUVOIR, 1970, p. 73)

Logo, um ponto que podemos destacar que foi considerado como a diferença do sexo feminino e masculino foi a força física, era vista como o sexo frágil em relação a vários

aspectos, essa afirmação nos dias atuais não é mais autêntica, pois vemos essa suposta fragilidade negada, não raro em competições esportivas e mesmo no mercado de trabalho as mulheres se destacam, elas estão ocupando o lugar de direito, pois antes só a classe masculina era tida como apta.

No seio familiar a figura feminina ocupava um espaço de submissão e opressão, pelo fato da família ser regida por um patriarca. Atualmente em algumas mentes alienadas esse regime ainda é seguido, há sociedades que não entendem e não aceitam que as mulheres conseguiram emancipar-se, adquirindo direitos. O regime patriarcal, portanto, encara-a como propriedade exclusiva do homem. A partir da consciência e revolta para com este pensamento a luta feminina na sociedade passou a ser considerada por alguns estudiosos como uma luta de classe. As teorias de Karl Marx e Friedrich Engels (1848 apud BEAUVOIR, 1970) foram de extrema relevância para o entendimento da luta feminina, ambos os teóricos abordaram e analisaram a opressão e a exploração sofrida pelos proletariados e pelas mulheres:

Engels não explica tampouco o caráter singular dessa opressão. Tentou reduzir a oposição dos sexos a um conflito de classes: fê-lo, aliás, sem grande convicção; a tese não é sustentável. É verdade que a divisão do trabalho por sexo e a opressão de que dela resulta evocam, em certos pontos, a divisão por classe, mas não seria possível confundi-las. (BEAUVOIR, 1970, p. 78)

No trecho acima, pode-se perceber que a escritora faz uma objeção a essas teorias, apontando que a luta feminina não pode ser vista como uma luta de classe, pelo fato de que a condição feminina não é uma condição de classe que tenha que sempre superar a dominação imposta por outra classe.

A opressão sofrida pelas mulheres, na teoria desses dois escritores seria por uma divisão de classe, aquele quem tem mais poder predomina sobre o que não tem. Contudo, vimos que, independente de fatores biológicos ou sociais, a mulher precisa ser reconhecida como um ser humano, precisa também libertar-se desse lugar de inferioridade e necessita ter uma voz ativa na sociedade. Como Beauvoir aponta o sexo feminino não pode ser apenas considerada como “o segundo sexo”, ou o que veio depois sem muita importância, aquela criação que jamais sobressairá sobre a primeira.

Sobre sua presença no âmbito da história da humanidade, vai aparecer como aquela que foi dominada, um domínio que percorreu em várias etapas e fases da história do mundo e acarretou na falta de prestígio social na fraqueza e na fragilidade feminina:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. (BEAUVOIR, 1970, p. 81)

Para que compreendamos a frase que inicia essa menção, segundo a feminista francesa, é preciso reavermos vários dados deixados ao longo dos anos, para acharmos resposta sobre essa superioridade concedida aos homens. Vimos, perante essas discussões, a opressão em vários aspectos historiográficos. Outra parte da história humana que incidiu diretamente na formação histórica das mulheres foi o Cristianismo, pois através dessa corrente religiosa encontram-se respostas que preenchem algumas lacunas neste longo processo de opressão e domínio masculino sobre o feminino.

A Igreja Católica na sua estrutura inicial, teve uma participação bastante relevante na história da opressão do sexo feminino, por ser uma religião que exigia uma conduta de subordinação baseada nas Sagradas Escrituras. Para os propagadores desse Evangelho, a mulher tinha que ser submissa, e uma das explicações para isso, localizada no Velho Testamento (Cf. Gênesis 2, 21-24), era o fato de Eva ter sido criada a partir da costela de Adão. O Novo Testamento na carta de Paulo aos Efésios 5, 21-24, segundo esta interpretação teológica, adverte que deveriam, ainda, se sujeitar aos homens, porque assim como a Igreja é submetida a Cristo, assim também devem ser sujeitas aos seus esposos,

E se o casamento é encarado como uma instituição que exige fidelidade recíproca parece evidente que a esposa deve ser totalmente subordinada ao esposo: com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres descrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. “O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para mulher e sim esta para o homem.” E alhures: “Assim como a igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres aos seus maridos”. (BEAUVOIR, 1970, p. 118)

Na citação acima, os dogmas da Igreja são destacados como uma tradição antifeminista, pelo fato dessa religião defender o servilismo feminino e por outro lado o lugar de destaque ao masculino. Sob essa perspectiva religiosa, vemos que ela é considerada nociva para o homem, pois é vista como pecadora por ter sido quem o induziu ao pecado.

O sexo feminino foi duramente hostilizado na mentalidade dos membros da Igreja Católica, porque lhe é atribuído a culpa do pecado original, isso sobrecarrega e torna desprezível a imagem feminina, como um ser que induz o homem à tentação. Nesse pensamento dogmático o homem é visto com um ser supremo e absoluto, que por ser do sexo masculino, forte e sábio, portanto, o diabo nunca ousaria seduzi-lo, por outro lado, o sexo oposto por ser frágil e sem sabedoria foi uma presa fácil para ser atraída ao pecado. Essa visão só vem mudar um pouco, em relação a imagem de Maria mãe de Jesus, quando “o cristianismo, apesar de seu ódio à carne, respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil.” (BEAUVOIR, 1970, p. 100) Alguns propagadores do Catolicismo, proclamavam um respeito às mulheres que seguissem os preceitos, segundo a mãe de Jesus.

Para a situação feminina esse pensamento dogmático não acrescentou nenhuma possibilidade de melhora nas esferas social, econômica, cultural e política. Segundo a Igreja, continuava sendo a gentil e atenciosa dona de casa que com servidão está à disposição do marido, ou seja, a submissão sempre sobressai qualquer tentativa de justificativa que tente ponderar a autoridade masculina sobre a feminina.

Outra fase que contribuiu para a composição da história de luta feminina foi sua condição diante da classe trabalhadora, um período de exploração no qual elas tentavam através do trabalho fora de casa criar uma independência, porém além de trabalharem muito e serem mal remuneradas, muitas vezes eram assediadas sexualmente pelos patrões, ou seja, o espaço social ao invés de incentivar o crescimento profissional feminino se tornava um campo onde a insegurança reinava,

Os patrões muitas vezes as preferem aos homens. ‘Trabalham melhor e mais barato.’ Esta fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta. (BEAUVOIR, 1970, p. 149)

No entanto, é preciso pontuar que as mulheres reagiram e começaram a conquistar alguns limitados benefícios organizando-se em pequenos grupos, *associações femininas*, em 1848, em 1900 conseguiram a diminuição da jornada de trabalho, ainda em 1913 regulamentou-se o descanso antes e depois do parto, através de reivindicações e lutas conseguiram obter vários direitos. Apesar de várias conquistas tinham que conciliar o trabalho com os deveres domésticos, por causa disso, terminavam novamente ficando restritas aos cuidados da casa e dos filhos, com isso muitas regrediam a posição inicial de submissão e não participavam da evolução no trabalho feminino.

## 1.2 A importância dos estudos feministas para a investigação da representação feminina nas obras literárias

Com o surgimento e contribuições dos estudos feministas, como o de Beauvoir (1970), discutido sucintamente no item anterior, a mulher passou a ser vista de forma diferenciada na esfera literária. Como já existiam os estudos literários consequentes aos estudos culturais, as pesquisas feministas surgiram com intuito de contestar alguns pontos dessas duas vertentes. As pesquisas feministas sobre as obras literárias têm crescido bastante e tem tido uma grande relevância para uma nova forma de ver o gênero feminino na sociedade:

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher (BONNICI e ZOLIN, 2009, p. 218).

No entanto, a finalidade dos estudos feministas é de através de pesquisas e análises, desconstruir o conceito do estereótipo feminino negativo disseminado em vários textos literários. Algumas mulheres precursoras do feminismo deram suas contribuições para as conquistas obtidas atualmente no âmbito literário e social. Destacamos a escritora Virgínia Woolf, por exemplo, que impulsionou um novo modo de ver o tema “mulher e literatura”. Em um de seus famosos ensaios intitulado *Um teto todo seu* (1929) aborda e defende que a mulher enquanto escritora precisa de um lugar para chamar de seu, onde possa trabalhar e conseguir sua independência.

No Brasil, podemos destacar Nísia Floresta como sendo a primeira teórica das questões ligadas à condição da mulher. Em seu livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), em sua abordagem discorre sobre o direito de igualdade e independência feminina, Floresta defendia que o sexo feminino possui inteligência e precisa ter direito a educação e seguir uma vida profissional digna.

Outro nome que marca os estudos feministas é de Katte Millet, famosa pela publicação de sua tese *Sexual politics* (1970), na qual discute sobre a posição secundária ocupada pelas mulheres em romances de autoria masculina, e também questiona a desvalorização destas enquanto escritoras. Millet destaca que ser representada nos textos literários, a mulher era caracterizada pela dominação do homem.

A discussão dessa feminista ainda gira em torno de questionamentos da mulher como leitora. Essas análises evidenciam o sofrimento e a desvalorização que as mulheres passaram, em relação ao privilégio que os homens sempre tiveram, mostrando ainda que tais representações foram e são importantes para que entendêssemos que elas tinham sua voz excluída no meio social. Como também para que denunciássemos tal situação.

É por isso que ao nos depararmos com uma obra literária, podemos investigar minuciosamente a representação da personagem feminina relacionando com a luta da mulher para obter seu lugar relevante na sociedade. Tais investigações podem proporcionar valorização, conscientização e ainda uma auto avaliação.

### **1.3 A construção do sujeito, segundo Foucault**

Para que possamos entender como o ser humano foi construindo sua posição na sociedade, recorreremos às teorias de Foucault (1995), filósofo e teórico de destaque do século XX, a fim de termos um fundamento nas nossas possíveis observações sobre a obra analisada. Em seus estudos, interessou-se pela construção do sujeito, seu objetivo era buscar informações e entender o que ocorreu no processo histórico e cultural da humanidade que levou os seres humanos a se transformarem em sujeitos. E foi em um de seus trabalhos que o autor abordou a questão *O sujeito e o poder*, nessa pesquisa ele vai especificar três modos de objetivação que na sua visão transformou os seres humanos em sujeitos.

O filósofo busca a justificativa ou esclarecimento no tocante a noção de sujeito. Explana, primeiramente sobre a objetivação do sujeito do discurso, recorrendo a algumas ciências, para encontrar explicações sobre o sujeito autor do seu próprio discurso. O segundo modo de objetivação é o do sujeito produtivo e o terceiro é a objetivação do sujeito histórico pelo fato do autor investigar a história natural e biológica do ser humano.

Na segunda parte de seu trabalho estudou a objetivação do sujeito, chamando de “práticas divisórias”. Aqui diz que: “O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Apesar de ter se envolvido bastante com a questão do poder procurando entender essa relação de poder e sujeito mergulhou mais profundo direcionando sua pesquisa em uma possível teoria de poder, mas baseada em experiências.

O filósofo segue discutindo as formas de poder exercidas em sociedade, dando ênfase ao poder político, mencionando o fascismo e o stalinismo, dizendo que ambas são “doenças de poder”. Sugere ainda que, para entender o que são relações de poder, é preciso uma

investigação sobre as formas de resistência e as tentativas de separar estas relações. E começa destacando algumas oposições ao poder, dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos entre tantos outros. Em seguida, define o que essas lutas de oposições têm em comum, destacando que o objetivo é atacar uma técnica ou forma de poder.

O autor cita pelo menos três tipos de lutas que o ser humano enfrenta que são: a luta contra a forma de dominação, de exploração e contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete. Ele destaca ainda que as lutas contra as formas de sujeição e contra a submissão da subjetividade, estão se tornando cada vez mais importantes. Lembra que já nos séculos XV e XVI ocorreram alguns movimentos que já poderiam ser analisados como uma objeção contra o poder exercido nas religiões sobre o sujeito. Também detalha a questão do poder exercido pela Igreja Protestante sobre o indivíduo, que leva o nome de “poder pastoral”, especificando o que mudou do modelo antigo para o do século XVIII:

E isto implica que o poder do tipo pastoral, que durante séculos por mais de um milênio, foi associado a uma instituição religiosa definida, ampliou-se subitamente por todo o corpo social; encontrou apoio numa multiplicidade de instituições. E, em vez de um poder pastoral e de um poder políticos, mais ou menos ligados um ao outro, mais ou menos rivais, havia uma tática individualizante que caracterizava uma série de poderes: da família, da medicina, da psiquiatria, da educação e dos empregadores. (FOUCAULT, 1995, p. 238)

A partir deste pensamento, um questionamento é levantado, sobre como se exerce esse poder. Foucault, em primeiro lugar, diz que precisamos diferenciar o poder que exercemos sobre as coisas, dando-nos a aptidão de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las. Esse poder é o que traz relações entre indivíduos e coloca em jogo essas relações. O autor também ressalva que é necessário que haja uma diferenciação entre as relações de poder e relações de comunicação, isso porque a comunicação de um sujeito com o outro é uma relação, na qual ambos estão trocando informações usando a língua. Porém, dependendo do teor da conversa entre locutor e receptor pode ter o intuito ou uma consequência de efeito de poder. Sobre isto, faz o seguinte apontamento: “Passando ou não por sistemas de comunicação, as relações de poder têm sua especificidade” (FOUCAULT, 1995, p. 240).

As relações de poder tem suas particularidades e o autor aponta que não pode confundi-las com as capacidades objetivas e relações de comunicação, porém não se trata de três domínios separados porque estão interligados. Em suma, sobre “como” esse poder é exercido sobre o outro, o filósofo propõe que não seja analisado o poder propriamente dito, mas quais relações de poder existem no contexto analisado.

O estudioso continuando suas observações sobre as particularidades das relações de poder específica quer, o exercício do poder não se dar na relação entre parceiros individuais ou coletivos, mas em um modo de ação de indivíduos sobre outros. O poder só existe se for exercido de um sobre outro, o poder só existe em ato:

[...] o poder não é da ordem do consentimento; ele não é, em si mesmo, renúncia a uma liberdade, transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a alguns (o que não impede que o consentimento possa ser uma condição para que a relação de poder exista e se mantenha); a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso. (FOUCAULT, 1995, p. 243).

O termo “liberdade” vai aparecer nesta discussão como um elemento importante, isso porque o poder, para Foucault (1995), só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres”, isso por uma conjectura, o termo “liberdade” é usado pelo fato do indivíduo não estar acorrentados fisicamente, mas esse poder opera limitando suas ações. Seu texto enfatiza que o problema principal da questão do poder não é a servidão voluntária, pois é obvio que não desejaríamos ser escravos. Por mais que lutemos contra esse poder, existe uma forma rígida de liberdade que nos parece impossível alcançar: “Mais do que um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de um ‘agonismo’.” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Ao falar do poder exercido sobre o sujeito existe uma rivalidade de opinião e união, um grupo sendo vítima desse poderio não se conscientiza e se une, obviamente nunca sairão deste estado de servilismo.

#### **1.4 A construção do sujeito e questões de gênero: algumas considerações**

Como vimos anteriormente, Foucault aborda a questão da construção do sujeito, muitos estudos atualmente sobre gênero toma como base algumas considerações desse filósofo para fundamentar pesquisas. Tanto esse teórico como teóricas feministas identificam a questão do corpo como local de poder, como o lugar de dominação e também defendem que o sujeito precisa lutar por libertação.

Ao falar sobre libertação, este filósofo em questão, dá bastante ênfase, explicando que por mais que haja uma conjectura que somos seres humanos livres, essa suposição só serviria para demonstrar que o indivíduo não está acorrentado fisicamente, mas no sentido figurado

sim, pois somos privados de uma liberdade, pelo fato de que o poder que é exercido sobre o indivíduo limita suas ações.

Quando cita que o ser humano precisa lutar contra a sujeição, a submissão e as formas de subjetivação, relacionamos essas lutas de uma forma mais particular a luta feminina, pois se para o homem é preciso ser sujeito a uma ordem hierárquica, para a mulher é dobrada a sujeição: dado que é sujeitada às leis feitas por homens, aprisionada a estas e ainda oprimidas pelas hierarquias, tal como Foucault aponta-as para a sujeição masculina. Além de ter essas lutas, ainda tem outra muito desleal, que é a busca pela igualdade de gênero.

Na pesquisa de Foucault, é abordada essa questão do poder que o indivíduo exerce sobre o outro. Há um ponto em sua obra que levanta questionamentos entre as pesquisas de cunho feministas, posto que apesar de citar a luta das mulheres que se opõem ao poder dos homens, não faz um detalhamento ao longo de sua pesquisa. Isso faz com que a crítica feminista aponte este equívoco que foi a omissão foucaultiana a questão de gênero na construção histórica da sexualidade. Vejamos esse trecho para elucidar esse pensamento:

Finalmente, tentei estudar – meu trabalho atual – o modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito. Por exemplo, eu escolhi o domínio da sexualidade – como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral da minha pesquisa. (FOUCAULT, 1995, p. 232).

Segundo a crítica feminista as relações de poder estão intimamente ligadas à questão de gênero. Na concepção foucaultiana, citada acima, há uma referência específica classificando os homens como sujeitos de sexualidade, que para as estudiosas feministas foi uma declaração infeliz, pois que, ao falarmos sobre as questões de gênero precisamos abordar e entender a questão da opressão que a sociedade exerce, especificamente, sobre a mulher.

Simone de Beauvoir, por sua vez, discute a questão de que o homem é visto como aquele que tem e exerce o poder sobre a mulher, esta considerada apenas como a fêmea, o “sexo frágil” em questões biológicas, a oprimida e a submissa em dados históricos e culturais. Ao elencar como assunto central o corpo feminino para objetivar parte de sua pesquisa, esta estudiosa diz que o corpo é importante sim, para entendermos o lugar que a mulher exerce socialmente, mas alega que não é o que a define. Parte da sociedade alienada tem uma visão sobre mulher apenas por um olhar estético. Outras feministas, além desta, juntamente com as pesquisas em estudos de gênero vêm tentando desconstruir esse pensamento errôneo.

## **CAPÍTULO II - ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE PERSONAGEM: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA***

Em Jerusalém, há quase três mil anos, alguém escreveu um trabalho que, desde então, tem formado a consciência espiritual de boa parte do nosso mundo [...]

Não era um escriba profissional, mas antes uma pessoa altamente sofisticada, culta e irônica, destacada figura da elite do rei Salomão [...]; uma mulher, que escreveu para seus contemporâneos mulher.

(Harold Bloom, *The Book of J*)

## 2.1 A personagem do romance segundo Candido

Neste capítulo, no qual desenvolveremos a análise da personagem feminina, que por sinal é a protagonista da história, optamos por trabalhar com diversos textos que abordam a questão do ser ficcional. Poderíamos ter elaborado um capítulo teórico específico apenas com esta categoria, porém percebemos que este conteúdo pode estar distribuído ao longo da análise sem que esta seja prejudicada pelas várias inserções teóricas.

Por meio da discussão teórica de Candido em *A personagem do romance* (1995) que fala sobre a diferença entre pessoa e personagem, percebeu-se que ao adentrarmos o mundo imaginário da ficção e de imediato estabelecemos um paralelo com o real, isto decorre pelo fato de os seres fictícios serem criados com características que chegam ao mais próximo possível da realidade. Caracteristicamente fragmentados, os seres fictícios, nunca poderão ser idênticos aos seres humanos, mesmo se são criados por alguém que tem este domínio sobre a essência humana. O autor apenas pode mudar-lhes o destino na narrativa dando-lhes o que achar mais adequado ou apto ao gosto do público, ou possivelmente ao seu próprio gosto.

No gênero romanesco, percebe-se que a personagem exerce um papel fundamental na narrativa. Embora não seja o principal elemento, é impossível encontrarmos romances sem personagens. São elas que dentro da narrativa instigam o leitor a conhecer o desfecho da história. No enredo é importante sua presença para vivenciar os fatos e problemas narrados:

[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referidas a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 1995, p. 53)

É possível que alguns leitores se identifiquem com tais seres ficcionais porque é como se fizessem parte de nosso convívio diário, e então surgem os sentimentos e as emoções que ela nos transmitem. Contudo, é de grande importância que saibamos separar o real do ficcional. Na vida nós, pessoas reais, somos os condutores de nossa vida, estamos sempre sujeitos a mudanças diárias, pois nos adaptamos a maneira que o mundo se desenvolve e ao que está a nossa disposição naquele momento. Já na ficção é o autor que cria e descreve a história e suas respectivas personagens, estes terão uma vida fixa dentro da história:

No romance, podemos variar relativamente nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência

fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecido pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. (CANDIDO, 1995, p. 55)

Podemos diferenciar personagens de seres humanos, ambos podem ter características semelhantes, porém um existe no plano real e outro no ficcional, e quem delimita o caminho destas é o escritor, este que:

Designa, no interior da prosa literária (conto, novela e romance) e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são “pessoas” imaginárias; se os primeiros habitam o mundo que os cerca, os outros se move no espaço arquitetado pela fantasia do prosador. (MOISÉS, 1999, p. 396).

Scliar, neste romance, recria suas personagens com características de pessoas que fizeram parte de uma cultura antiga, como figuras de reis, rainhas e chefes tribais. Representa, ainda, uma figura bíblica, o rei Salomão, mas, salientamos que, ao retratá-lo no plano fictício há toda uma diferença da pessoa histórica que este soberano foi. Vejamos trechos da obra para comprovar nosso comentário:

O certo é que Salomão acertara em cheio, e confirmara a sua fama de rei poderoso e sábio, dotado - era o que se dizia em nossa aldeia e em muitas outras - de poderes sobrenaturais: [...] Os prazeres, esses ficavam reservados à rainha de Sába. Que era linda. Quem tinha oferecido quatro mil quilos de ouro ao rei (SCLIAR, 2007, p. 34).

Ao longo da narrativa este perfil de Salomão vai ser reconstruído conforme as experiências a ele relacionadas à protagonista da obra. Nesse trecho ainda podemos perceber a presença de dois personagens bíblicos, ambos adaptados pelo autor para compor essa história, comprova-se isto no livro de 1º Reis e 2º Crônicas, destacamos a seguinte referência para comprovamos nossa pesquisa: “E, ouvindo a rainha de Sabá a fama de Salomão acerca do nome do Senhor, veio prová-lo por enigmas.” (BÍBLIA, 1º Reis, 10,1).

Diante dos conhecimentos adquiridos durante esta pesquisa, percebeu-se que as teorias que envolvem a construção de personagem vêm sendo aprimoradas com o passar dos tempos. Sendo assim, descendentes dessa linha de pesquisa contribuíram e deixaram novos indícios que servem como base para uma pesquisa fundamentada teoricamente. Aristóteles salientava que a função da personagem na narrativa não era tão importante quanto à trama dos fatos. Em

oposição a este pensamento outros pesquisadores defendiam o ser ficcional como o alicerce da narrativa. Outra tese defendida é que, deve haver uma observação na relação entre a personagem e o enredo, pois, segundo Massaud Moisés (1999) fica evidente que na narrativa ambos precisam estar em harmonia.

Os seres fictícios podem receber diferentes classificações dependendo da sua função no enredo, tais classificações foram ganhando várias modificações e permearam até nossos dias. O escritor Edward Morgan Forster (1954) classificou as personagens como planas e redondas. Candido (1995) trouxe uma definição sintética sobre esta classificação:

As personagens planas eram chamadas **temperamentos (humours)** no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera. (CANDIDO, 1995, p. 62, grifo do autor).

Falando sobre a definição de redondas ou esféricas Candido (1995) vai dizer que tais não foram definidas de maneira clara por Forster. Mais ele diz que temos possibilidade de as distinguirmos das personagens planas:

[...] mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizada com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 1995, p. 59).

Massaud Moisés, na citação seguinte, também vai definir as personagens redondas, dando exemplos que elucidaram para um melhor entendimento.

As personagens redondas definem-se como as que apresentam várias qualidades ou tendências: proteicas, multiformes, complexas, repelem todo intuito de simplificação. Podem ser: *caracteres*, quando a complexidade se acentua, gerando conflitos insolúveis, como no teatro francês, ou *símbolos*, quando a complexidade parece ultrapassar a fronteira que separa o humano do mítico, o natural do transcendental, como no caso de Capitu. Porque ostentam profundidade psicológica, são *tridimensionais*, e porque evoluem *dinâmicas*. (MOISÉS, 1999, p. 398).

Nesse sentido de construção da personagem nota-se que a esposa de Salomão, dotada de inteligência e com aparência esteticamente feia, assim definida pelo escritor na obra ao qual estamos analisando, foi construída e articulada, de modo que obtém todo o destaque na narrativa, sendo assim podemos defini-la como protagonista. E ainda tomando a classificação

desses teóricos, podemos apontá-la como personagem redonda. Constatamos isso pelas características apresentadas no desenrolar da trama.

Candido (1995) afirma que as personagens redondas apresentam três dimensões. Podemos aqui ressaltar que apresentam características físicas, sociais e psicológicas, essas três características unidas constroem um ser fictício bem elaborado que vai nos surpreender na trama. Começemos com trechos da obra com descrições das características físicas:

Eu não podia acreditar no que estava vendo. Meu Deus sou essa aí? Não havia ali nenhuma simetria, naquela face, nem mesmo a temível simetria do focinho do tigre; eu buscava em vão alguma harmonia. Não era a grande harmonia das esferas que eu pretendia, um pequeno estro harmônico já me era suficiente, mas nem isso eu obtinha, porque havia um conflito naquele rosto, a boca destoando do nariz, as orelhas destoando entre si. E os olhos, que poderiam salvar tudo, eram estrábicos, um deles mirando, desconsolado, o espelho, o outro com o olhar perdido, fitando desamparado o infinito, talvez para não enxergar a cruel imagem (SCLIAR, 2007, p. 17).

Nesse trecho a personagem se descreve no momento que viu o próprio rosto refletido no espelho, que até então nunca tinha tido a oportunidade de visualizar, é um momento de revelação, autoconhecimento, além de ser bastante reflexivo. Em relação a abordagem da dimensão psicológica, constatamos tais conflitos no esforço que ela faz para compreender e encontrar alguma explicação para o fato de ser diferente das outras moças, por ter nascido assim “feia” como ela própria se auto denominava:

Mas eu precisava, senão de consolo, ao menos de explicação. Tinha de saber a razão pela coubera a mim tamanho quinhão de feiúra. A natureza não poderia ter procedido em vão, ao obrar a minha face. Aquilo, sem dúvida, era a resposta a um pecado, a um crime. Mas que pecado, que crime havia eu cometido? Em busca de resposta, voltei-me para infância. Verdade, eu fora malvada, mas não mais que a média das crianças; batia nas minhas irmãs, mas só de vez em quando, e mesmo assim de forma relativamente comedida: a minha agressão podia resultar em arranhões, em equimoses, mas não em luxações, por exemplo, e muito menos em fraturas. Não, nada em minha conduta pregressa podia explicar a imagem que eu vira e que agora não me abandonaria. Por minhas faltas passadas eu mereceria uma meia dúzia de verrugas, no máximo, e das menores. [...] Não mais do que isso. Todo resto devia-se a uma outra causa, uma causa externa. Eu era vítima, não vilã. Mas vítima de quem? (SCLIAR, 2007, p. 20).

Este fluxo de pensamento da protagonista mostra sua tentativa de encontrar algo errado em sua conduta que a tivesse feito merecer tal penalização referente às suas características físicas, acaba pondo a culpa na figura materna, reclama que seus pais não se

aproximavam dela, e mais, durante a gestação, diz ela, sua mãe costumava contemplar a montanha, de maneira cômica ela relata tal pensamento:

Porque ali estava a explicação para a minha feiúra: na montanha. Naquele hostil acidente geográfico que eu aliás conhecia bem: [...] Uma protrusa rocha era o meu nariz; a escura entrada de uma das cavernas correspondia a minha boca. Muitos vêem faces em nuvens; eu via na montanha – monumento ao insólito – a reprodução de meu próprio rosto. [...] A obsessiva vigilância teve, contudo, um inesperado efeito: a visão da montanha ficou impressa para sempre no meu rosto. Como aquelas mães que comem morango e o filho nasce com um sinal em tudo semelhante ao morango (SCLIAR, 2007, p. 20 e 21).

Chegando enfim, a uma conclusão que a culpada de sua feiura era a sua própria mãe, pois quando estava grávida ficava olhando para as montanhas, pelo fato das traições frequentes de seu marido ter ocorrido em cavernas. Sendo assim, a protagonista achava que a imagem do seu rosto refletia características da montanha pelo fato de sua mãe diversas vezes ter fixado o olhar a esta direção com pensamentos ressentidos.

Ainda seguindo com essa análise de personagem redonda apontamos outra dimensão que comprova essa ideia, são questões sociais as quais encontramos nas entrelinhas da obra, que dizem respeito à cultura da época e outras questões sobre as teorias feministas que apontamos no capítulo teórico e iremos retomar no próximo ponto dessa análise.

Consideramos pelos traços observados, portanto, que a protagonista em análise deve ser classificada como redonda. Constatamos, ainda que o tempo desse enredo é cronológico, os acontecimentos seguem uma ordem sucessiva de fato. Em alguns trechos na narrativa a protagonista alterna a narração com acontecimentos do passado e presente, mas depois continua a narração seguindo a ordem sucessiva dos fatos.

## **2.2 Aspectos analíticos da representação feminina em *A mulher que escreveu a Bíblia***

A literatura foi e tem sido um meio de contribuição relevante para o crescimento crítico social da humanidade, trazendo uma visão empírica dos escritores sobre diversos fatores da problemática social. Os escritores da Antiguidade e até hoje escrevem e escrevem com o intuito de que através de seus textos fossem eternizadas experiências e opiniões inerentes da sua época.

Pensando no espaço da mulher na literatura, hoje, é bastante evidente, que ela foi ocupando e conquistando um espaço relevante na sociedade. A classe feminina com muita luta também obteve várias conquistas, entretanto por muitas vezes tiveram sua imagem representada na literatura de um modo hostil. Antigos escritores ofendiam e reduziam seu valor moral. Retravam a figura feminina de forma cômica em seus escritos, conforme podemos observar nas palavras de Beauvoir abaixo:

A condição modesta a que a mulher é reduzida não impede os gregos de serem profundamente misóginos. Já no século VII a.C, Arquíloco escreve epigramas mordazes contra as mulheres. Lê-se em Simônide de Amorga: ‘As mulheres são o maior mal que Deus jamais criou: que pareçam por vezes úteis, logo se transforma em motivo de preocupação para seus senhores’. E em Hiponax: ‘Só há dois na vida em que nossa mulher nos dá prazer: no dia de núpcias e no dia do enterro dela’ (BEAUVOIR, 1970, p. 112).

Podemos perceber o modo negativo que as mulheres eram representadas na fala desses pensadores da Antiguidade. E isso só confirma que a misoginia não é um problema dos nossos dias. O pensamento misógino reflete que o sexo feminino foi criado apenas para compor o mundo masculino, sem merecer destaque na sociedade, nem valorização. Diversos foram os escritores ao invés de valorizá-las, depreciavam a figura feminina.

Em algumas obras literárias, podemos observar personagens submissas às leis de sua época que eram regidas apenas por homens, a condição histórica das mulheres foi marcada por sofrimento e discriminações, como já apontamos nessa pesquisa. Por isso, existem obras, principalmente na contemporaneidade, que tem o propósito de justamente denunciar como era essa condição. Resultado, evidentemente, das muitas lutas femininas que ocasionaram em uma posição mais visível na sociedade, e que, por consequência, contribuíram para desconstruir esse papel negativo na literatura problematizando-o, como uma arma de combate para combater estereótipos ao longo do tempo cristalizados. É o caso deste romance em questão *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar (1999).

Percebemos na protagonista desta obra literária, aspectos que conduziram essa pesquisa a estudarmos a representação feminina. Por isso, consideramos necessário fazermos um resumo da história pontuando características na personagem e do enredo que dialoguem com as teorias adotadas nesse estudo, que são principalmente as de gênero. No enredo, o escritor brasileiro apresenta uma moça que está fora dos padrões estéticos de beleza, qualificando-a como “feia”. No desenrolar da trama supera-se com uma habilidade que nenhuma mulher da sua época tinha que era aptidão para a leitura e escrita:

A feiúra é fundamental, ao menos para o entendimento dessa história. É feia, esta que vos fala. Muito feia. Feia contida ou feia furiosa, feia envergonhada ou feia assumida, feia modesta ou feia orgulhosa, feia triste ou feia alegre, feia frustrada ou feia satisfeita – feia, sempre feia (SCLIAR, 2007, p. 15).

Nesse trecho a personagem descreve sua fisionomia dando sentidos a sua personalidade de mulher considerada feia. Narrando sua própria história, aponta que desde sua infância desconfiava de algo errado com seu rosto, mas não tinha conhecimento do que seria. O local que morava com a sua família era uma aldeia e quem chefiava a tribo era o seu pai, o patriarca: uma posição que vinha de uma tradição de seus antecedentes. Ele administrava os negócios do local e estabelecia certas regras que deveria ser seguidas por todos e não tolerava nenhum desrespeito as suas ordens, principalmente, por parte da sua família. Algumas dessas regras eram repassadas de tradições culturais e religiosas. No trecho abaixo a protagonista narra como era sua casa e ainda algumas das regras estabelecidas pela figura paterna:

Enquanto o futuro por meu pai profetizado não chegava, continuávamos morando numa casa pequena, austera. Poucos móveis, nenhum conforto; qualquer coisa que cheirasse a luxo seria abominação. Assim, mesmo que pudesse comprar um espelho não o faria. Isso é coisa dos demônios, dizia, por trás de cada espelho está o Mal, pronto a usar a vaidade para atrair as pessoas ao pecado. Não que ele fosse exemplo de moral; era um mulherengo conhecido, desses que não respeitam nem a mulher do próximo. Além disso, andara metido em negócios escusos – parte de seu rebanho era, para usar um eufemismo, de procedência duvidosa. Nada disso o impedia de posar como guardião da moralidade. Exigia da tribo, e da família em particular, um comportamento irrepreensível. Não tolerava a menor manifestação de vaidade nas filhas. (SCLIAR, 2007, p.16).

É importante mencionar que esta figura citada pela feia, reproduz uma crítica ferrenha à figura masculina em relação ao regime patriarcal. Desse modo, relembramos aqui os apontamentos de Beauvoir sobre a família patriarcal, na qual os homens que ditavam as regras, e as mulheres e crianças não passavam de seres insignificantes e amedrontados, sobretudo o sexo feminino ocupava no seio familiar um lugar de submissão e opressão, como se fosse uma propriedade:

É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. O homem, reinando soberanamente, permite-se, entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas ou hetaira. (BEAUVOIR, 1970, p. 75).

Na narrativa percebemos vários vestígios desse sistema, o pai da personagem era o líder supremo da aldeia e de sua família. Mas seu comportamento não condizia com sua postura de liderança, tratava as filhas e a esposa como propriedade, cometia adultério e não era um comerciante correto. Ressaltamos que Scliar nessa obra, apesar de não ter sido um autor feminista, problematizou a situação de inferioridade que as mulheres ocupavam no sistema patriarcal e desconstruiu certos conceitos sobre a posição que a classe feminina deveria ocupar na sociedade.

São representados nessa narrativa vários preconceitos, mas na construção da protagonista o romancista retrata mudanças ocorridas no perfil feminino traçado que não se espera naquela época. Porém, em algumas passagens do romance encontramos alguns traços de depreciação por causa desta fisionomia peculiar, ou seja, havia toda uma pressão social que a direcionava a certos caminhos por causa de sua feiura e condição feminina:

Agora eu era a feia, e tudo em minha vida seria condicionado por essa feiúra. Homem algum gostaria de mim. Homem algum cantaria minha beleza em traços líricos. Minha vida amorosa seria tão árida enquanto o deserto que nos rodeava (SCLIAR, 2007, p. 24).

Perante isso, podemos trazer aqui a relevância que se dá a beleza exterior. As mulheres, em sua maioria, são figuradas nas obras literárias com uma beleza maravilhosa sendo isso, é claro, um reflexo social, pois existe um padrão estético de beleza ao qual são, forçosamente, condicionadas de forma direta ou indireta a seguirem. No que tece a ficção, um conflito interno se instaura, agora a sua companheira seria a solidão, pois não aguentava ser olhada pelos outros com reprovação, com espanto e até um pouco de piedade. Mas sua melancolia logo desapareceu no dia em que descreve sua primeira paixão:

Apaixonei-me. Havia um pastorzinho que trabalhava para meu pai e que vivia a pastorear exatamente ali, nas trilhas da montanha. Todos os dias eu o avistava. Era um belo rapaz, alto, forte; numa voz muito bonita, entoava nostálgicas canções que falavam de amores impossíveis (SCLIAR, 2007, p. 26).

Entretanto, veio subitamente a decepção antes mesmo de ser concretizado esse amor. Para sua surpresa o pastorzinho já estava interessado por sua irmã, mesmo estando decepcionada ainda ajudou o casal em um encontro romântico. O que não terminou muito bem, pois seu pai descobriu o envolvimento. Por ter transgredido as regras da aldeia esse jovem pastorzinho deveria sofrer um castigo severo, foi apedrejado e expulso da aldeia. Por

consequências desses fatos a protagonista continuou sofrendo sem esperança de um dia poder encontrar um homem que fosse capaz de amá-la. Até que aparece um personagem que vai contribuir para a mudança do rumo da protagonista: um escriba já de idade avançada. Vejamos como ele é descrito:

O escriba era o único homem que meu pai respeitava. Por uma simples razão: só ele, entre nós, sabia ler e escrever. [...] Ao escriba, meu pai entregava as missivas que vinham do rei. [...] Cabia ao escriba respondê-las, uma tarefa que exigia dele não apenas o domínio da palavra escrita, mas considerável habilidade política: [...] Na aldeia, o escriba era olhado com respeito e temor: consideravam-no uma espécie de mago (SCLIAR, 2007, p. 29).

A quem coubesse o domínio da escrita, naquela época, já obteria um respeito relevante, pois era privilégio para poucos. Esse escriba resolveu ajudar essa moça para que ela saísse dessa melancolia, fazendo algo interessante que preenchesse o seu tempo. A protagonista fala que tal escriba teve uma empatia pelo fato de ambos terem algo em comum, serem feios:

Um dia, ele me chamou à tenda que lhe servia de escritório. Vem cá, disse, com ar misterioso, quero falar contigo. [...] – Vou – anunciou, em voz solene, se bem que pouco trêmula – ensinar-te a escrever. Aquilo sim, era uma coisa surpreendente, a coisa mais surpreendente que ocorrera em minha vida. Escrever era coisa para raríssimos iniciados, para gente que, por mecanismos obscuros, chegava ao domínio de uma habilidade que nós outros olhávamos com um respeito quase religioso. Além disso – mulher escrevendo? Impossível. Mulher, mesmo feia, era pra cuidar da casa, para casar, gerar filhos. O que ele estava me propondo não chegava a ser uma transgressão, mas era algo fora do comum. (SCLIAR, 2007, p. 29).

Naquela época a mulher que soubesse escrever era algo fora do comum, com aptidão da leitura e escrita, estaria alcançando o mesmo patamar privilegiado masculino, e numa visão cultural as mulheres não podiam se ocupar de outras coisas sem quem fossem tarefas domiciliares. Este novo aprendizado deu uma reviravolta na vida da feia. Observemos a diferença da personagem depois que aprendeu a ler e escrever:

Que emoção. Deus, que emoção. Eu olhava aqueles vacilantes traços com a satisfação de um artista contemplando sua obra prima. Tinha conseguido algo com que nunca sonhara. Mas: naquele curto espaço de tempo eu mudara. Já não me sentia tão feia. Meu rosto continuava o mesmo, mas a sensação da fealdade intrínseca, a sensação que me acompanhava até durante o sono e se traduzia em pesadelos dos quais acordava gritando, essa sensação se atenuara consideravelmente. Eu agora era... feinha. Uma condição

perfeitamente suportável e que comparada ao que eu passara, representava até um estado de inesperado bem-estar, de felicidade, quase. Sentia-me leve, solta, como se o ato de escrever – uma letra, uma única letra – tivesse me libertado de um passado opressivo (SCLIAR, 2007, p. 30).

A rotina da protagonista tinha mudado um pouco depois que o escriba ensinou suas habilidades, estava mais entusiasmada e só pensava em escrever sobre várias coisas, a escrita foi uma espécie de libertação para ela naquele momento. Outro episódio veio transformar sua vida, a chegada de um emissário trazendo uma mensagem do rei Salomão ao chefe da tribo. O conteúdo da carta revela que: “De acordo com a tradição e a lei, [...] Ficais intimado a ceder vossa filha mais velha como esposa ao rei, para que desta forma se consolide a aliança entre a casa real e a tribo que chefiáis.” (SCLIAR, 2007, p. 34).

A tradição e as leis da época costumavam fazer alianças políticas, e as mulheres enquanto parte da propriedade dos homens, eram usadas como estratégia de extensão de poder através de casamentos. Neste caso específico, a filha primogênita era dada como esposa do rei para firmar alianças entre o palácio e a tribo, assim trazendo uma estabilidade para a tribo. Relembramos os estudos de Foucault sobre a questão do poder que os seres humanos exercem sobre o outro na sociedade, formas de poder que neutralizam o sujeito, sendo este subordinado a alguém:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o por sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autor conhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995 p. 235).

A personagem enfrenta o domínio de poder, primeiro de seu pai e depois este poder vai para as mãos do rei, ela deveria seguir regras referentes ao seu papel de esposa, ou seja, o poder continuava nas mãos de uma figura masculina. E ela teria que ser subordinada aos caprichos e vontade do soberano. Trazendo a discussão de poder político nesse sistema patriarcal, sem dúvidas afirmamos que o poder se limitava as mãos do sexo masculino, e a mulher se resumia em um simples objeto de troca. Esta citação a seguir nos dar suporte teórico para sustentar esta assertiva:

A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. [...] A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra nos seios das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

Por meio deste fragmento densamente crítico, nos questionamos: onde estaria o livre arbítrio das mulheres? Por que eram vistas como objetos? No entanto, neste caso, para essa personagem, não era precisamente um problema ser um “instrumento de troca”, pois a possibilidade de casar lhe causava uma euforia, nunca tinha tido a oportunidade de vivenciar um romance consolidado, esse sonho estava longe de se concretizar até pelo fato da fisionomia pouco atraente. Não tendo consciência solidificada sobre a submissão na sua inocência e por ter sido criada nessa cultura pensou nos benefícios que esse casamento traria para o seu povo, e ainda refletiu sobre algumas coisas que teria no palácio, afinal não iria ser maltratada e usufruiria de uma vida de luxo e conforto, mesmo que fosse apenas uma a mais dentre as várias esposas de Salomão.

A protagonista teve que aceitar tal destino, posto que não teve opção de escolha. Foi-lhe designado pela cultura que era condicionada. Na longa jornada para o palácio que ficava em Jerusalém, se instaura um conflito interno: “À medida que nos aproximávamos do destino, assaltavam-me as dúvidas. Como seria o palácio? Como seria o harém? E – sobretudo – como seria aquele homem a quem em breve pertenceria meu corpo, minha vida?” (SCLIAR, 2007, p.38).

Na sua chegada ao palácio os moradores da região já começavam com uma agitação na curiosidade para saber quem era a nova esposa do rei. Como era novata, precisava fazer um registro com informações pessoais e o escriba-mor do rei Salomão iria fazer as perguntas necessárias para registrar. O questionário seguia normalmente, até que algo surpreendeu o escriba:

– Mas então sabes ler e escrever? – perguntou-me, assobrado. Eu disse que sim, e contei como tinha aprendido, com que fez uma longa anotação a respeito e passou a me olhar com reverência, mas também com alguma raiva, que não me passou despercebida (SCLIAR, 2007, p. 41).

Percebemos nesse trecho a ênfase que constantemente há em relação a habilidade da personagem. O espanto do escriba de Salomão com essa moça, só confirma sua importância perante outras figuras femininas. Mesmo assim a narrativa segue com um teor idealizado,

agora o rei Salomão é visto como uma segunda paixão, um encantamento diferente do primeiro que foi o pastorzinho:

De imediato me apaixonei por ele. Uma paixão avassaladora, definitiva, a paixão que, eu tinha certeza, daí em diante governaria minha vida. Bendito o momento em que ele resolvera me chamar. Bendita a boca que ditara as palavras daquela carta, bendito aquele homem, aquele lindo homem. Eu podia passar anos olhando-o, em muda adoração. Finalmente descobria o amor. O pastorzinho? Não, aquilo fora apenas um teste, um treino. Com ele, meu coração se prepara para o grande salto da paixão (SCLIAR, 2007, p. 45).

Vemos aqui uma ilusão criada perante o perfil de Salomão, pois este retribuiria reciprocamente esse sentimento, ela seria apenas mais uma esposa para compor seu enorme harém. E mais uma vez a protagonista se decepciona por não está dentro dos padrões estéticos de beleza, é ressaltado na história por muitas vezes que seu corpo era bonito, mas seu rosto era de causar espanto em todos que lhe observasse.

Todavia, o escritor traça o retrato de uma personalidade questionadora, muito além da questão estética. As mulheres poderiam até não querer concordar com algumas coisas, naquele contexto, contudo, não compartilhavam ou questionavam já essa personagem se mostrava bem á frente de sua época não consentia com o que estava reservado a ela.

A melancolia se instaurou novamente, um conflito tomava conta dos seus sentimentos, se sentia inútil como mulher, já não tinha tido o casamento tão sonhado, e agora vinha à dúvida e a espera para ter uma noite com o rei, noite que poderia não acontecer por ser ela tão diferente das demais esposas e não poderia ter chamado à atenção dele. As humilhações no harém por parte das outras mulheres lhe causava desgosto, seu ego estava totalmente afetado. Dado que todas as outras eram chamadas para ter uma prazerosa noite com o soberano Salomão, enquanto ela ficava excluída.

Na trama tomamos conhecimento de várias atitudes relevantes que a personagem tem para conseguir o desejo de ter a noite tão fantasiada com o rei. Destacamos nessa parte do enredo que o escritor exprimiu características de mulheres que lutaram pelos seus direitos, por mais que a luta da protagonista ainda não fosse tão relevante para os direitos da classe feminina, mas para a época esse sentido revolucionário era importante, pois mostrava que quando se uniam conseguiam ser fortes e ainda tinham capacidade de questionar o destino que lhes era reservado:

- Chega de sermos tratadas como objetos sexuais! Chega de submissão! Chega de opressão! Respirei fundo e lancei a palavra de ordem: - Por uma completa igualdade de direitos sexuais! De agora em diante o rei terá de receber cada uma de nós! (SCLIAR, 2007, p. 68).

Esse trecho mostra um reconhecimento diante da submissão e opressão que era submetida, só não era ainda um reconhecimento tão aprimorado. Na sua inocência lutava até por um direito fútil, porém era pra satisfazer uma vontade sua, já que as vozes das mulheres eram suprimidas da sociedade nem isso poderia ter: direito de reivindicar. No entanto, a revolução surtiu efeito e a protagonista conseguiu ser chamada, mas foi uma desilusão ela foi duramente humilhada por Salomão. E outra vez a tristeza tomou conta de si, porém ainda que tivesse sido tão maltratada insistia no propósito.

Ela começou colocando em prática um plano contra o rei, no enredo reaparece sua primeira paixão, o “pastorzinho”, esse com as marcas do castigo que teve por ter desrespeitado as leis da tribo onde o pai da protagonista era o chefe. Ela não lhe deu muita importância, apesar de tudo ainda estava encantada por Salomão, só queria que o pastorzinho participasse do seu plano levando uma carta para seu pai, escreveu a carta entregou e achando que tudo ia dar certo ficou calma esperando uma resposta.

Para sua surpresa o rei mandou lhe chamar, ela cogitou várias possibilidades que poderia ter causado esse chamado, e para seu espanto o rei estava com o seu pergaminho em mãos. O conflito se instaura na trama seria seu fim? O rei lhe daria um destino trágico? Surpreendentemente não foi isso que ocorreu, o rei tinha gostado da escrita da carta, e queria saber se tinha sido ela. É nessa parte do enredo vemos agora uma mudança na vida dessa personagem no palácio:

- Maravilhoso. Tu és a primeira mulher letrada que encontro – afirmou com uma admiração que, devo dizer, massageou consideravelmente meu ego. [...] – Além disso – continuou -, escreves muito bem. Eu não conseguia parar de ler. E olha que não sou de muita leitura. Minha sabedoria vem da meditação, não dos livros. E daquilo que os pássaros me ensinam (SCLIAR, 2007, p. 87).

A feia agora tinha visibilidade no palácio, o rei a solicitava, e lhe propôs uma tarefa: escrever um livro. Agora havia um tratamento diferenciado, mas não era por acaso essa atitude do rei tinha uma finalidade, ele estava dependendo dela, para que esse livro fosse concretizado. Ora, se as mulheres só servia para tarefas domésticas e para satisfazer sexualmente um homem, como agora um rei que anteriormente teria a humilhado estaria

precisando tanto daquela mulher? E logo temos a explicação o fato era que seis homens escribas não ter conseguido fazer isso em dez anos:

- Quero te fazer uma proposta – ele disse [...] – Um livro. Um livro que conte a história da humanidade, de nosso povo. Um livro que seja a base da civilização. Claro, o livro, como objeto, também é perecível. Mas o conteúdo do livro, não. É uma mensagem que passa de geração em geração, que fica na cabeça das pessoas. E que se espalha pelo mundo. O livro é dinâmico. O livro se dissemina como as sementes que o vento leva. [...] – Quero que escrevas esse livro. Quero que descrevas a trajetória de nossa gente através do tempo. Quero que fales de nossos patriarcas, de nossos profetas, de nossos reis, de nossas mulheres. Eu quero uma narrativa linda, tão bem escrita como essa carta que enviaste ao teu pai. Quero um livro que as gerações leiam com respeito, mas também com encanto (SCLIAR, 2007, p. 87 - 88).

O rumo da “feia” agora começa a mudar dentro do palácio, sua habilidade começa a lhe trazer certos benefícios, o rei ordenou que preparasse um quarto especialmente para ela, com objetos que na sua humilde vida na aldeia nunca tinha possuído. Decerto com essa menção, lembramo-nos de Woolf (1929) quando abordou que uma escritora precisava de um lugar próprio que pudesse chamar de seu, para que pudesse trabalhar em paz. Contudo, ter um quarto só seu com um relevante conforto, não significaria que teria liberdade de escrever o que quisesse, nem muito menos estava de posse de sua independência. Salomão estava se apropriando de sua habilidade para satisfazer um propósito seu.

As dúvidas começaram a tomar conta da mente dessa protagonista, começava a questionar se seria capaz de terminar um trabalho tão vasto e intenso, no entanto, esperava, através desse trabalho, um reconhecimento do povo e do soberano. Nessa parte da narrativa percebe-se um perfil de mulher questionadora, vemos esse caráter mais aguçado na protagonista quando identifica o que os escribas tinham escrito sobre a história da humanidade. Reescrevia retirando tudo que achava um equívoco na história sobre a criação do sexo feminino. Relacionamos essa atitude da protagonista, com os apontamentos da Beauvoir:

Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. Tertuliano escreve: “Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousa atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve de morrer; deverias andar sempre vestida e de andrajos”. E Santo Ambrósio: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão, É justo que a mulher aceite *como* soberano aquele que ela conduziu ao pecado”. E São João Crisóstomo: Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 118).

Beauvoir questionou a forma hostil que alguns homens religiosos usavam para se referir ao sexo feminino, como prejudicial ao homem por induzi-lo ao pecado. Trazendo esses apontamentos para a categoria analisada, observamos essa atitude questionadora na protagonista, com finalidade de mudar a perspectiva errônea adotada pelos escritores sagrados. Por esse motivo, ao modificar esse texto começou a questionar o fato de como descreveram a criação dos seres humanos, primeiro o homem foi criado e não a mulher, dessa forma, modificou ao seu modo a história do conhecido livro Gênesis. O escriba que dava o veredito final se entusiasmou com a parte erótica que ela tinha descrito entre Adão e Eva, buscou assediá-la, não obtendo resultados, castigou-a desaprovando seu livro:

Daí em diante eu teria de me restringir unicamente à redação do texto. O conteúdo seria fornecido pelos anciãos, que também teriam o poder do veto sobre tudo o que eu escrevesse. [...] Como dissera o próprio rei, os anciãos, com sua fama de erudição adquirida ao longo de décadas (todos ali haviam servido a Davi, pai de Salomão) e graças às suas poderosas conexões, eram personagens importantes. Ainda que não ocupassem cargos no governo, formavam uma espécie de supremo, e informal, conselho, que conferia à realeza uma parcela de sua legitimidade. Contra eles eu não tinha a mínima chance. Ouvi, portanto, em silêncio o veredicto. Tudo que me restava era a submissão (SCLIAR, 2007, p. 104).

Esta situação fictícia nos faz retomar a discussão sobre o poder em Foucault (1995), sobre os apontamentos que dizem respeito a explicação de que o poder é exercido de um ser humano sobre outro, e esse poder limita as ações do outro indivíduo. É justamente o que percebemos nesta situação criada por Scliar. Encontramos representadas as formas de dominação, exploração e submissão, o poderio masculino silencia a voz feminina que passa a ser retratada na história de maneira passiva. Como essa protagonista poderia na sua época se opor a ordem do rei e ainda sendo seu marido? A cultura não lhe dava esse direito, só lhe restava à obediência. No trecho abaixo a então esposa de Salomão narra como estava escrevendo os fatos da criação:

Assim, me vi, no dia seguinte, escrevendo a história tal como eles queriam. A mulher sendo fabricada a partir de uma costela de Adão. A mulher dando ouvidos à serpente. A mulher provando do fruto da Árvore do Bem e do Mal. Em suma a mulher cagando tudo (SCLIAR, 2007, p. 104).

Evidenciamos a ideia de Beauvoir (1970) sobre a ideologia cristã ter contribuído para a opressão da mulher, percebemos essa temática presente na obra e discutimos apontando que

essa visão contribuiu para a opressão do sexo feminino, pelo fato de muitos religiosos se apoiarem nessa descrição bíblica, fazendo, assim, a analogia de que o sexo feminino induzia o outro ao pecado. Tentou se comprovar esse pensamento com o episódio no qual Eva induz Adão a comer o fruto proibido.

A protagonista não se conformava em escrever o livro sagrado dessa forma, pois se sentia contribuindo com a opressão de sua classe, mas estava condicionada a fazer isso. Apesar de se identificar com tais figuras femininas e compreender que tiveram participações importantes na história, mas não poderia retratar isso dado que as relações de poder a conduziam a focar nas participações masculinas.

Ocorre que seu trabalho finalmente estava terminado, bastava apresentar numa cerimônia de despedida para a rainha de Sabá, mas no decurso da narrativa, os pergaminhos que constavam a história da humanidade foram destruídos. No julgamento, a personagem tem seu papel triunfal na narrativa o rei lhe passou o dever de jogar culpado ou não o homem que queimou o seu trabalho. A esposa feia, rejeitada e humilhada agora sentaria no trono do rei para julgar uma pessoa, mas decide por libertar o pastorzinho, sua primeira paixão.

Sua vida retorna a mesmice, mas inesperadamente em uma noite Salomão a chama para seus aposentos, e a noite tão esperada é consumada. Contudo, como pudemos constatar diante esta personalidade fictícia, ela representava a figura de uma mulher que não se conformaria com uma rotina assim, seria chamada apenas algumas vezes, é diante desta situação que a esposa de Salomão toma uma atitude peculiar para a cultura vivenciada, como mostra no trecho abaixo:

Levantei-me de madrugada. Ele dormia ainda, sonhando – com o quê, eu nunca descobriria, e nem queria saber: preferia o mistério. Beije-o pela última vez e sai. [...] Sem dificuldade, pulei o muro do palácio. Corri pelas ruas da cidade, adormecida, em direção ao sul, ao deserto. Ia atrás de um certo pastorzinho. Se me apressasse, poderia encontrá-lo em dois ou três dias. A altura de certa montanha. E de suas enigmáticas, mas promissoras, cavernas (SCLIAR, 2007, p. 162).

Abriu mão dos privilégios que supostamente tinha no palácio e abandonou a vida de esposa do homem, quiçá, mais poderoso da época. Fugiu com o pastorzinho, conquistando sua liberdade e exercendo seu livre arbítrio. A representação da personagem feminina, em particular, mostrou que apesar de parecer submissa, sonhadora e por vezes motivada pela paixão, ela sempre tomou uma postura contestadora. Pode-se afirmar tinha consciência e clareza de seu contexto, porém não se conformava. Scliar dispôs um perfil feminino que demonstram claramente aspectos históricos da condição social da mulher, porém ao

caracterizá-la, não hostilizou a imagem feminina, antes procurou problematizar tal contexto que até hoje, na contemporaneidade, ainda permanece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da disposição desta personagem vemos a confirmação dos pressupostos que Beauvoir em 1970 afirmava, que nem as características biológicas nem psicanalíticas são desculpas para considerar a mulher como ser inferior, tanto que, a protagonista desta história desde cedo foi criada em uma aldeia altamente dominada pelo patriarcado, porém tinha consciência que essa hierarquia não deveria haver na família e nem muito menos na comunidade. Criticava, portanto a postura hipócrita de seu próprio pai. Se tomássemos como verdadeiras as explicações mesmo bíblicas – pensemos como exemplo o episódio de Adão e Eva – da inferioridade feminina em relação a masculina, estaríamos negando protótipos femininos como esta esposa de Salomão.

Uma mulher que mesmo dominada e condicionada ao domínio masculino, não hesitou em se sobressair. Apesar de ser vista como uma incapaz mostrou sua aptidão e destaque no exercício do letramento. Outro ponto que inevitavelmente temos que tocar é a respeito de sua fisionomia, apesar de ser considerada feia, e ela tinha consciência disso, não se deixou ser humilhada, era movida sim por paixões, todavia ela apresenta traços marcantes de racionalidade que a direcionam para uma libertação de estereótipos. Ao analisar a representação feminina feita por Scliar (1999), confirmamos que apesar de estar a todo o momento a mercê da dominação do poder masculino, a personagem em questão tinha uma visão questionadora de seu contexto. Pensando conforme os estudos feministas, salientamos que tais representações problematizam o lugar hoje ocupado pelo sexo feminino. Podemos, assim, relacionar os aspectos históricos como responsáveis pela condição social da mulher.

Sobre o perfil feminino no plano literário, em questão, salientamos que Scliar, não diminui em momento algum a imagem feminina, e sim representa na personagem características de mulheres que lutam contra o que a sociedade machista lhes impõe. Todos os apontamentos que fizemos nessa pesquisa servem de reflexão para repensar o lugar que a mulher exerceu e exerce na sociedade, precisamos repensar estes estereótipos que ainda são bastantes difundidos socialmente, que o sexo masculino é o absoluto. A classe feminina tem e sempre teve sua importância no âmbito sociocultural, porém todo o processo histórico relegou o lugar de destaque ao masculino, ocasionando em um apagamento e silenciamento, no entanto, romances como este, fazem o que a História deixou de fazer.

É interessante notar que Salomão, em *A mulher que escreveu a Bíblia*, fica em segundo plano enquanto uma figura que era considerada marginalizada, enquanto mulher e, esteticamente falando, feia, o que agravava sua situação, aparece na narrativa com uma

focalização central. Outro indício da importância dessa representação é o fato da ênfase na habilidade de letramento de uma mulher numa época em que isso era raridade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BÍBLIA SAGRADA – Português. João Ferreira de Almeida. São Paulo, Ed. 1995.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: \_\_\_\_\_ *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. **In: Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Hubert Dreyfus, Paul Rabinow. Tradução de Vera Porto Carrero. RJ: Forense Universitária, 1995.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. 2005, Edições Afrontamento.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 7. Ed., Coimbra: Almedina, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEIRA, Cristina Maria da Costa. *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*. Lisboa: Colibri, 2008.

XAVIER, Elódia. *O Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1998.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Tomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. pág. 217 - 242.